

Teologia, economia e ecologia: perspectivas africanas

Theology, economy and ecology: african perspectives

Graham Gerald McGeoch

Professor na Faculdade Unida de Vitória – ES. Mestrado em Teologia - University of Edinburgh (2008) e doutorado em Teologia e Ciências da Religião - University of Glasgow (2015). E-mail: graham@fuv.edu.br

Daniel Joaquim

Doutorando em Teologia Sistemática e Histórica na Faculdade de Teologia e Religião da Universidade de Pretoria (África do Sul).

Resumo:

Este artigo apresenta discussões teológicas nascidos de três encontros no continente africano em 2019. Os três encontros, sob o título “Teologia, Economia e Ecologia”, reuniram teólogos(as) e lideranças de igrejas africanas de correntes teológicas associadas (mas não representativas) ao catolicismo-romano evangélico e ecumênico. Os encontros foram promovidos em Pretoria, África do Sul, Acra, Gana e Nairóbi, Quênia e incluíram participação de 14 (quatorze) países africanos. O artigo (1) apresenta o contexto Africano à luz das políticas públicas em relação à crise socioambiental da União Africana e da Organização das Nações Unidas; (2) oferece um resumo rápido do contexto teológico africano; (3) relata perspectivas teológicas africanas economia e ecologia; (4) oferece contribuições teológicas africanas para a economia e ecologia.

Palavras-chave: Teologia africana. Eco-teologia. África.

Abstract:

This article presents theological discussions, fruit of three meetings on the African continent in 2019. The three meetings, under the heading “Theology, Economy and Ecology”, brought together theologians and church leaders from theological currents associated with (although not representative of) Roman Catholicism, Evangelical and Ecumenical. The meetings took place in Pretoria, South Africa, Accra, Ghana and Nairobi, Kenya and included participants from 14 (fourteen) African countries. The article (1) presents the African context in light of policy objectives of the African Union and the UN in relation to the socio-environmental crisis; (2) offers a quick summary of the African theological context; (3) relates some African theological perspectives on economy and ecology; (4) offers African theological contributions on economy and ecology.

Keywords: African Theology. Eco-theology. Africa.

Introdução

Em novembro de 2019, organizou-se três consultas teológicas no continente africano sob o título, ‘Teologia, Economia e Ecologia’. Este artigo é fruto preliminar das discussões entre teólogos(as) africanos(as) e lideranças das igrejas africanas. Dividi a reflexão em quatro partes. As primeiras duas partes introduzem ao público brasileiro o contexto africano diante da crise econômica e ecológica assim como o contexto influente da teologia africana. As duas últimas partes oferecem

informações básicas das consultas (escopo e participação) e dá início a formulação de propostas teológicas africanas à crise econômica e ecológica. O estímulo de escrever uma reflexão preliminar em português nasceu de um ‘clamor’ dos participantes lusófonos de ter mais acesso a recursos da teologia africana e teologia-ecológica em língua portuguesa.

O contexto africano

O continente africano assumiu os objetivos da Organização das Nações Unidas (ONU) e a agenda para desenvolvimento sustentável.¹ Entre os dezessete objetivos propostos pela ONU, pelo menos cinco estão diretamente relacionadas à crise socioambiental.² Na África, A União Africana elaborou a Agenda 2063, integrando os objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU pensados a partir das necessidades e contextos africanos. Entre os vinte objetivos propostos pela Agenda 2063, pelo menos quatro estão diretamente relacionadas à crise socioambiental.³ O notável da Agenda 2063 é a ligação entre economia e ecologia.

Por um lado, pode-se afirmar que a questão da crise socioambiental é também uma questão de segurança alimentar na África. A União Africana, por meio dos objetivos da Agenda 2063, sonha com uma África próspera baseada em crescimento inclusivo e desenvolvimento sustentável. Ao mesmo tempo, ela valoriza uma África com uma forte identidade cultural, herança, valores e ética comum e prioriza a construção de uma África onde desenvolvimento é liderado pelo povo, dependendo do potencial oferecido pelo povo africano, particularmente as mulheres e jovens. Assim, a Agenda 2063 da União Africana valoriza e enfatiza a colaboração da sociedade civil para superar a crise socioambiental enfrentada pelo continente e o globo. Na África, as igrejas são um componente fundamental da sociedade civil.⁴

O contexto teológico africano

É importante afirmar que a teologia está presente e sendo produzida na África por mais de 2000 anos. Temos a presença de Simão, o cireneu no relato de Lucas sobre a crucificação de Jesus. Cirene é uma cidade no norte da África, atualmente na Líbia. Também, nos Atos dos Apóstolos, temos o relato do batismo do eunuco etíope por Felipe. Etiópia e Líbia, países africanos, aparecem nos relatos sobre a crucificação de Jesus e a emergente Igreja.

¹ Atualmente, ‘O Acordo de Paris’ é uma das centrais políticas da ONU para alcançar os objetivos da agenda para desenvolvimento sustentável em face à crise socioambiental.

² Por exemplo, Objetivos: 6. Água Potável e Saneamento; 7. Energia Limpa e Acessível; 12. Consumo e Produção Sustentável; 13. Ação contra a Mudança Global do Clima; 15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade

³ Por exemplo, Objetivos: 1. Uma qualidade de vida elevada e bem estar para todos os cidadãos; 2. Cidadãos saudáveis e bem nutridos; 5. Agricultura moderna para aumentar produção e produtividade; 6. Economia azul/oceano para acelerar crescimento econômico; 7. Comunidades e economias ambientalmente sustentáveis e clima resiliente.

⁴ Também as mesquitas e massalas são fundamentais em algumas partes do continente, além da presença das religiões tradicionais e outros grupos religiosos.

No cristianismo primitivo aparecem influentes teólogos e teólogas africanas. Destacamos Agostinho de Hipona (atualmente a cidade de Annaba na Argélia) e Cipriano de Cartago (na Tunísia) como exemplos desta teologia africana. Também, a influente ‘escola de Alexandria’ (no Egito) divulgou a teologia africana pelo continente e outras regiões do mundo cristão.

John Baur notou que esta presença expressiva da teologia e cristianismo africanos se restringiu ao norte do Saara e o chifre da África nos primeiros séculos do cristianismo. Por seis séculos a África ofereceu liderança ao cristianismo (Egito na parte oriental ou mundo grego, e África do Norte na parte ocidental ou mundo latino). O crescimento do islã afetou a igreja no Norte da África (ela basicamente sumiu) e no Egito, onde foi limitada pelo islã.⁵

Baur identifica um segundo momento de evangelização da África, desta vez ao sul do Saara. As viagens marítimas dos portugueses centraram outro tipo de cristianismo em três impérios africanos – Congo (1482), Angola (1470) e Zimbábue (1559)⁶. A partir deste cristianismo português, o continente africano experimentou a convivência, nem sempre boa, entre cristãos africanos e europeus.⁷

Um terceiro momento é a entrada dos movimentos missionários protestantes a partir do ano 1792. Sierra Leone (Libéria) se tornou a base para a missão ocidental e Limpopo (África do Sul) e Livingstônia (Malawi) foram centros importantes para África central ou “missão interior”.⁸

Este breve histórico é o pano de fundo para entender o contexto teológico africano. Estão presentes na África as três grandes famílias do cristianismo: ortodoxa, católico-romana e protestante. Apesar das observações de teólogos e teólogas atuais que interpretam a ‘teologia africana’ como fruto de um processo político de descolonização,⁹ é importante lembrar que a teologia cristã está presente na África desde as páginas da Bíblia e o período do cristianismo primitivo.

A teologia da célebre obra, *Des prêtres noirs s’interrogent* (1957)¹⁰ é uma forte tentativa de inserir a teologia africana no movimento de negritude que tem suas raízes no século XIX. Vincent Mulango se tornará uma referência importante para esta linha de teologia na África no século XX. A teologia de Mulango dialoga com um fundamento filosófico *bantu*. Ela abre um diálogo crítico com a herança latina e grega na teologia africana e busca alternativas ‘decoloniais’ para a teologia africana.

⁵ BAUR, John. *2000 Ans de Cristianisme en Afrique*. Kinshasa: Paulines, 2001. p. 14.

⁶ MELLO E SOUSA, Marina de. *Além do Invisível: Poder, Cristianismo e Comércio no Congo e em Angola* (séculos XVI e XVII). São Paulo: Edusp/ Fapesp, 2015.

⁷ BAUR, 2001, p. 38.

⁸ BAUR, 2001, p. 101.

⁹ Por exemplo, no seu livro introdutório à teologia, Rosino Gibellini afirma que “Os primórdios de uma ‘teologia africana’ mais precisamente da exigência de uma teologia africana – são recentes: o problema começa a delinear-se no *Dossier* de intervenções intitulado *Des prêtres noirs s’interrogent*, de 1956, assinado por alguns jovens sacerdotes negros, que no meio do processo político de descolonização se perguntaram sobre o futuro da missão da Igreja na África”. GIBELLINI, Rosini. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 456.

¹⁰ ABBLE, A. *Des prêtres noirs s’interrogent*. Paris: Les Editions du Cerf, 1957.

A obra filosófica de Placide Tempels oferece Mulango e outros teólogos um aporte africano (*bantu*) para fazer teologia.¹¹ Tempels foi a primeira pessoa a falar sistematicamente sobre filosofia *bantu*.¹²

Na atual configuração da teologia africana a Declaração do Encontro Pan-africano dos Teólogos do Terceiro Mundo de Gana em 1977 serve como exemplo desta busca inspirada por Tempels e Mulango. A declaração notou a presença nas discussões de ortodoxos, católico-romanos e protestantes. Ela apontou que o colonialismo abalou a unidade africana, criando estruturas injustas e deixando o legado do racismo. A declaração questionou o uso importado do ocidente de eclesiologias e teologias, e mais amplamente de categorias ocidentais invasivas à cultura africana. A declaração assinalou que uma teologia africana precisava de uma abordagem teológica que reconhecia os valores inerentes às religiões tradicionais, que abordava a Bíblia de forma crítica a partir de contato com realidades africanas e teologias não cristãs, e que dialogava com a teologia negra da África do Sul e dos Estados Unidos em considerar experiências de opressão e a luta pela libertação.¹³

Há certa convergência entre a Agenda 2063 e a teologia africana. A Agenda 2063 valoriza práticas africanas em sintonia com a identidade cultural, herança, valores e ética comum da África para superar a crise socioambiental. Do mesmo modo, a teologia africana busca contextualizar o cristianismo africano em sintonia com a identidade cultural, herança, valores e ética comum da África. Neste sentido, o desafio para a teologia africana é dialogar e apresentar-se como uma sabedoria indígena africana (*African Knowledge System*). Uma das possibilidades, entre muitos, para a contribuição teológica africana à superação da crise econômica e ecológica é poder criticar o modelo ocidental de desenvolvimento e a lógica ocidental niilista.¹⁴ Numa recente série de consultas teológicas no continente africano para refletir sobre ‘teologia, economia e ecologia’ várias perspectivas emergiram.

Perspectivas africanas

As consultas foram promovidas para ajudar elaborar uma política pública teológica para uma organização baseada na fé. Especificamente, as consultas tentaram identificar ideias ou narrativas teológicas que integraram sustentabilidade econômica e socioambiental. A linguagem de ‘sustentabilidade’ é obviamente tirada dos documentos da ONU e da União Africana. O termo foi bastante debatido e questionado pelos participantes. De modo especial, recorrendo a tradição bíblica e teológica, conceitos tais como ‘justiça’, ‘abundância’, ‘prosperidade’ e ‘cuidado’ foram oferecidos como alternativos cristãos à palavra ‘sustentabilidade’.

As consultas formaram parte de uma estratégia geopolítica dividida em seis regiões: África (Sub-Saara – anglófona, lusófona e francófona), África Ocidental (anglófona e francófona), Oriente

¹¹ É interessante notar as influências filosóficas em outras teologias chamadas contextuais ao redor do mundo. Apesar de ser associadas mais com ciências sociais do que filosofia, quase todas fazem uma crítica a herança latina e grega da teologia ocidental e buscam fontes alternativas.

¹² TEMPELS, Placide. *La Philosophie Bantoue*, Paris: Editions Réclame, 1959.

¹³ BUJO, B.; MUYA, J. I. *Teologia Africana no Século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2012. v.II, p. 275.

¹⁴ MILBANK, John. *Theology and Social Theory*. Londres: Wiley-Blackwell, 1993.

Médio, Ásia (inclusive Eurásia), Europa e América do Norte. As consultas africanas englobaram as primeiras duas regiões: África Sub-Saara e África Ocidental, e incluíram participantes da África anglófona, lusófona e francófona. Em total, 14 países participaram: África do Sul, Angola, Botsuana, Burquina Faso, Gana, Malawi, Moçambique, Níger, Nigéria, Quênia, Ruanda, Tanzânia, Uganda e Zimbabué. Houve um total de 39 participantes nos três encontros, 15 das participantes eram mulheres.

Os(as) teólogos(as) e lideranças das igrejas africanas auto identificaram sua tradição teológica durante a consulta. As descrições oferecidas foram as seguintes: ‘Crente Reformado’, ‘Teologia Radical Libertadora’, ‘Teologia Contextual Libertadora’, ‘Teologia Africana *Mujerista*’, ‘Teologia Holística, Ecumênica, Feminista’, ‘Teologia Holística Evangélica’, ‘Teologia Radical, Libertadora e Protestante’, ‘Teologia Contextual – Protestante, Urbana, Inter-denominacional’, ‘Teologia da Libertação Negra’, ‘Pentecostal’, ‘Teologia *Badiikall*’, ‘Teologia da Justiça’, ‘Teologia da Libertação’, ‘Economia da Vida’, ‘Reformada’, ‘Empoderamento dos mais vulneráveis’, ‘diferente das igrejas históricas protestantes’, ‘Anglicana e Pentecostal’, ‘Anglicana’, ‘Teologia da Ideologia/Libertação’, ‘Teologia interpessoal’ ‘Evangélica’, ‘De baixo da Graça’, ‘Teologia Africana, Cristã, Política e Libertadora’, ‘Teologia Bíblica e Libertadora’, ‘Contextual, Libertadora com foco na Missão Integral’, ‘Bíblica e Africana’, ‘Consensual, Evangélica, Africana e Bíblica’, ‘Anglicana Ortodoxa e Eco-teologia’, ‘Protestante Metodista’, ‘Reformada, Evangélica e Missional’, ‘Teologia Eco-justiça’. Alguns termos foram repetidos, por isso não têm 39 teologias. As 32 descrições variavam bastante e isso foi refletido nas abordagens dos textos bíblicos e práticas pastorais africanos elaborados em resposta à crise socioambiental.

Os objetivos das três consultas foram:

- (a) Ouvir testemunhos de compromissos com sustentabilidade econômica e ecológica;
- (b) Aprender quais textos bíblicos ou narrativas bíblicas motivaram compromissos cristãos com sustentabilidade econômica e ecológica;
- (c) Identificar as inspirações e desafios teológicos diante da crise econômica e ecológica;
- (d) Construir uma política pública teológica para orientar engajamento com governos, sociedade civil, ONGS, igrejas e setores educacionais.

Surgiu uma certa tensão nas perspectivas africanas. Era a perspectiva assinalada pela Declaração do Encontro Pan-africano dos Teólogos do Terceiro Mundo de Gana em 1977. Naquele momento, os(as) teólogos(as) questionaram o uso importado do ocidente de eclesiologias e teologias, e mais amplamente de categorias ocidentais invasivas à cultura africana. A declaração assinalou que uma teologia africana precisava de uma abordagem teológica que reconhecia os valores inerentes às religiões tradicionais, que abordava a Bíblia de forma crítica a partir do contato com realidades africanas e teologias não cristãs, e que dialogava com a teologia negra da África do Sul e dos Estados Unidos ao considerar experiências de opressão e a luta pela libertação.

Nas consultas teológicas em 2019, em geral, foi afirmado a importância de elaborar a teologia nas línguas e culturas africanas. Este tipo de perspectiva é fruto da teologia africana sobre a

influência de Placide Tempels e Vincent Mulango. Kwame Bediako resumia a tentativa da teologia africana como um esforço de tornar a história religiosa africana pré-cristã um tema teológico cristão.¹⁵ A importância da reabilitação da cultura, consciência religiosa (pré-cristã), e línguas africanas era central às três consultas. Basicamente, foi reafirmada a Declaração de Gana de 1977: a teologia cristã africana precisa reconhecer os valores inerentes às religiões tradicionais; precisa abordar a Bíblia de forma crítica em diálogo com realidades africanas; e precisa considerar experiências de opressão e a luta pela libertação.

Um olhar crítico ao legado da colonização e civilização ocidentais

Houve fortes críticas à herança missionária ocidental da teologia e cristianismo em África. Mas não houve engajamento com a primeira fase da evangelização da África identificada por John Baur – a patrística e os primeiros seis séculos da Igreja liderada pela África. O modelo missionário e ocidental foi fortemente identificado com colonização, a lógica de conquista, ocidentalização, e modelos de extrativismo econômico e ecológico. O cristianismo e teologia neste molde foi interpretado como não-africano.

Com efeito, a relação entre o povo africano e a natureza é fundadora da sua identidade cultural, social, comunitária e até religiosa. No contexto africano, a terra, as árvores, os animais, as montanhas, a água e dentre vários elementos, são parte integrante da vida humana facto que se manifesta na atenção e reverência prestada a eles. Além do mais, os africanos tradicionais vêm nestes elementos diferentes como representações ou personificação de divindades ou espíritos e, como tais, são divinos, sagrados e recebem a devida reverência¹⁶. O papel que a natureza desempenha na vida do ser humano nunca foi um aspeto estranho nem totalmente desconhecido na vida do africano tradicional. É assim que, no ponto de vista histórico:

[...] as atividades que levantaram preocupações ambientais na África não existiam antes do colonialismo, porque os africanos tinham valores, práticas e modos de vida conservacionistas. As visões e pensamentos africanos sobre ontologia, cosmologia, medicina e cura e práticas religiosas apoiaram suas atitudes morais em relação à conservação e preservação da natureza. Os africanos tradicionais pensam a natureza como holística e como um *continuum* interconectado de humanos e todos objetos naturais que existem em harmonia. As ações e os modos de vida das pessoas refletiam os esforços para existir em harmonia com a natureza. Esses esforços levaram à preservação da natureza. Muitos desses valores tradicionais africanos, modos de vida e atitudes morais de conservação foram destruídos pelo *ethos* explorador do colonialismo europeu e modernidade¹⁷.

¹⁵ BEDIAKO, Kwame. *Theology and Identity*. Oxford: Regnum Books, 1992.

¹⁶ IKUENOBÉ, P. A. “Traditional African Environmental Ethics and Colonial Legacy” In: *International Journal of Philosophy and Theology* Vol. 2, No. 4, 2014, p. 1-21.

¹⁷ IKUENOBÉ, 2014, p.2. Traduzimos da versão original inglesa: “[...] the activities that have raised environmental concerns in Africa did not exist prior to colonialism because Africans had conservationist values, practices, and ways of life. African views and thoughts on ontology, cosmology, medicine and healing, and religious practices supported their moral attitudes toward the conservation and preservation of nature. Traditional African thought sees nature as holistic and as an interconnected continuum of humans and all natural objects which exist in harmony. People’s actions and ways of life reflected the efforts to exist in harmony with nature. These efforts led to the preservation of nature. Many of these traditional African values, ways of life, and the moral attitudes of conservation were destroyed by the exploitative ethos of European colonialism and modernity.”

Como resultado, os africanos tradicionais passaram a aprender (e mesmo os modernos aprendem) da colonização e civilização ocidentais que as florestas podem ser destruídas, as árvores transformadas em madeiras; a terra, as montanhas, os rios transformados em matéria prima para alimentar as grandes indústrias europeias. Assim, indubitavelmente, a erosão, as poluições diversas são a consequência lógica das atividades económicas levadas a cabo indiscriminadamente.

Os efeitos deste legado histórico fizeram de África um espaço de desmatamento desenfreado, extinção de espécies raras e de economia de concorrência desleal provocando em certos casos conflitos de todo o tipo. A crise ecológica global é igualmente um problema de e para África. Já se ressentem por quase toda África o impacto das atividades económicas insustentáveis. As mudanças climáticas também são uma realidade que não deve ser ignorada. Na verdade, o sofrimento que é infligido à natureza impacta substancialmente na economia, na saúde, na vida social e política do homem africano. Contudo, os primeiros passos de busca de soluções à crise socioambiental deviam ser procurados dentro das práticas e hábitos das comunidades africanas. A eco – teologia pode emanar da própria cosmovisão africana.

Uma introspeção face a crise socioambiental

As consultas permitiram inferir que em quase toda a África cristã existe, tanto nas igrejas protestantes históricas quanto nas emergentes (pentecostais e neopentecostais) a necessidade da reflexão profunda na relação entre a natureza, o ser humano e a economia. Nas igrejas emergentes, por exemplo, os temas frequentes estão mais virados para a salvação da alma, a prosperidade, o sucesso na vida, etc. A experiência física e imediata é excessivamente focada e espiritualizada em detrimento da visão holística do mundo. As teologias veiculadas focam apenas num futuro paraíso celestial sem os pés neste chão por onde todos vivemos e trabalhamos. A religiosidade é tal que até ofusca a reflexão sobre questões da crise socioambiental. Ernst. M. Conradie¹⁸ sublinhou que as igrejas tipicamente e tristemente falham em abordar esta questão - como resultado de tentar fazer o que os outros também estão fazendo. Elas, portanto, falham em oferecer ao mundo o que ele precisa desesperadamente.

Mesmo que o contrário acontecesse, muitas igrejas se mostram inconsistentes quanto ao seu posicionamento. Em alguns casos, pode-se avançar na falta de conhecimento, instrução adequada, ou devido ao nível de escolaridade dos seus líderes. Esses fatores, em parte, fazem da problemática da crise ecológica uma temática marginal pela qual raramente se ousa pregar.

Curiosamente, durante as consultas conduzidas, notou-se que a teologia sistemática (missionária e ocidental) influenciou aos participantes na escolha, no uso e interpretação dos textos bíblicos motivadores. Nisso, os participantes desviaram um pouco da proposta de Gana em 1977 que insistiu numa abordagem crítica e engajamento com realidades africanas. Por exemplo, o texto

¹⁸ CONRADIE, Ernst. M. “The Church and the Environment: Seven stations toward the sanctification of the whole Earth” In: Scriptura 107, 2011, p. 157.

principal escolhido pelos participantes como motivador do compromisso africano com a crise socioambiental foi Gêneses e o ‘Jardim de Éden’. A leitura dos participantes deste texto foi de criação-queda-redenção-santificação (pelo trabalho). Este paradigma vem da teologia missionária ocidental tão criticada pelos participantes e pela teologia africana. Houve algumas propostas do texto de Êxodo como texto fundante para o compromisso. Mas o texto foi lido a luz da sociologia bíblica ocidental do século XX.

Outra questão que apareceu na escolha dos textos foi o uso de imagens rurais ou pastorais da Bíblia apesar do fato que todos os participantes moram em contextos urbanos e congregam em igrejas urbanas. Também, ausentarem-se das escolhas textos onde mulheres são protagonistas. Todos os textos escolhidos (menos a Parábola dos Talentos, e a narrativa de Rute) foram histórias e textos sobre homens.

Esta tensão entre auto descrições teológicas africanas e a proposta da teologia africana capturada pela Declaração de Gana em 1977, e estruturas teológicas herdadas do legado missionário ocidental no uso da Bíblia e da teologia pelos participantes revela a importância de continuar a aprofundar a síntese entre fé e cultura na África, entre cristianismo e outras religiosidades pré-cristãs (ou até pós-cristãs no caso do Islã na África). As intersecções entre língua, cultura, Bíblia, teologia e compromisso não são tão resolvidas na prática como aparece na literatura acadêmica.

Por outro lado, as políticas internas dos países africanos ou são frágeis ou há deliberadamente falta de vontade da parte de quem as devia definir e executar. Na exploração de recursos naturais, por exemplo, existem muitos contratos a portas fechadas com entes estrangeiros em benefício de uma restrita elite política. Para além disso, como descreveu o teólogo K. Mwambazambi¹⁹, as redes econômicas organizadas e envolvidas na exploração de matérias-primas ou na especulação financeira estendem suas iscas aos políticos que lideram esses países e, assim, obtêm acesso a mão-de-obra e recursos baratos e, finalmente, reduzem a liberdade de consciência e a escolha moral para o consumidor.

Com isto, exacerba-se o fosso entre as elites e o pacato cidadão ao mesmo tempo que a degradação do meio ambiente aponta para os níveis mais altos. Sem planos de uma economia “verde” e sustentável, avança-se a passos largos rumo a uma geração condenada a receber legados irresponsáveis e destruidores. Por isso, na visão de Mwambazambi face ao advento da globalização, os africanos precisam desenvolver um novo conceito de cidadania que transcenda as fronteiras nacionais e culturais; que se localiza na encruzilhada da economia e da política do norte e do sul - isto é, uma democracia, entendida como igualdade de todos na dignidade, tendo o direito de participar da vida política e socioeconômica do planeta²⁰.

¹⁹ MWAMBAZAMBI, K. “A theological view of environmental protection in Africa” In: In die Skriflig 45(4), 2011, pp. 849-866.

²⁰ MWAMBAZAMBI, 2011, p. 853.

Propostas teológicas africanas²¹

Nas três consultas emergiram várias propostas teológicas sobre a crise econômica e ecológica. A mais elaborada e divulgada é ‘teologia da economia da vida’, elaborada por Rogate Mshana da Tanzânia.²² Porém, por questões de ordem metodológica citaremos algumas das propostas de teólogos africanos pouco conhecidos.

O resgate teológico do conceito de “força vital”

O resgate do conceito de força vital é a proposta do teólogo Teddy Ch. Sakupapa²³, professor na Universidade de Western Cape da África do Sul. A força vital, tal como descreveu P. Tempels²⁴, é uma noção tradicional africana do ser na qual Deus, ancestrais, humanos, animais, plantas e minerais são entendidos em termos de força ou energia vital. Deste conceito pode-se inferir a ideia da *relacionalidade* entre os seres. Em outras palavras, o ser humano se relaciona não apenas consigo mesmo e seres semelhantes, como também com a natureza no seu todo. Sakupapa explica que:

Do ponto de vista teológico, portanto, pode-se argumentar que a força vital é o poder de Deus presente em toda a criação e sem a qual a vida não é possível. Analogicamente, portanto, pode-se entender que a força vital é o Espírito de Deus entendido como o princípio da vida e o facilitador da comunhão na criação²⁵.

Essa força vital, tal como ela se apresenta, é o princípio da *relacionalidade* que exposto em termos pneumatológicos, pode ser o ponto de partida para um diálogo responsável na questão da crise socioambiental e sua resposta no continente africano. O resgate deste conceito pode contribuir na redefinição de políticas, atitudes e práticas econômicas no relacionamento do indivíduo com a natureza. É uma questão de voltar para a identidade de si mesmo na busca de uma relação saudável com o meio ambiente.

Se a natureza for tratada como fazendo parte da vida humana, restaurar-se-ão as boas relações quebradas e disto nascerá um novo paradigma que permite viver em harmonia e uma projeção próspera do futuro da humanidade. Assim, a teologia africana pode contribuir para o cultivo de um ethos ecológico no cristianismo africano desde que se assuma a apropriação do quadro conceitual da noção tradicional de força vital na articulação com a pneumatologia cristã²⁶.

Proposta da *oiko* – teologia de Cyprian Obiora Alokwa

²¹ Nesta seção, citamos as publicações dos participantes nas três consultas e obras que influenciaram o pensamento dos participantes.

²² MSHANA, Rogate. R. *Economy of Life*. Genebra: WCC Publications, 2015.

²³ SAKUPAPA, T. CH. “Spirit And Ecology In The Context Of African Theology” In: Scriptura 111 (3), 2012, p. 426

²⁴ TEMPELS, 1959, p.31.

²⁵ SAKUPAPA, 2012, p. 426.

²⁶ SAKUPAPA, 2012, p. 422

Depois da proposta de Sakupapa sobre o resgate do conceito de “força vital” na sua articulação com a pneumatologia cristã, passemos ao pensamento eco – teológico de Alokwu. Do seu nome completo Cyprian Obiora Alokwu, teólogo anglicano e professor de teologia em *Trinity Theological College* na Nigéria, publicou vários textos sobre teologia africana e sustentabilidade socioambiental. Aquando dos seus estudos de doutorado, ele esteve sob orientação do Professor Steve de Gruchy na Universidade de KwaZulu Natal, África do Sul. A sua tese de doutorado sob o título, *The Anglican Church, Environment and Poverty: Constructing a Nigerian Indigenous Oikotheology*.²⁷, responde às lacunas identificadas na teologia ecológica entre lideranças cristãs na África. Alokwu trabalha com quatro *motifs* de quatro gerações de teologia. Ele identifica teologia do domínio [*dominion theology*], mordomia [*stewardship*], eco-teologia [*eco-theology*] e oikoteologia [*oikotheology*]. Para ele, oikoteologia é uma tentativa de fortalecer o compromisso cristão com questões ecológicas. Porém, ele salienta as limitações da oikoteologia no contexto africano, especificamente nigeriano. Alokwu propõe uma síntese de teologia africana com oikoteologia para superar as limitações. Por isso, na conclusão da sua tese, ele oferece cinco propostas teológicas africanas concretas à crise ecológica:

- (a) A formação de uma Comissão Socioambiental da Igreja para dialogar com o governo, ONGS e empresas particulares para formular políticas públicas para combater a crise socioambiental e a pobreza;
- (b) A formação de uma associação cristã para ações práticas tais como plantar árvores, combater desertificação, criar propriedades ecológicas de igrejas à nível paroquial;
- (c) Introduzir educação socioambiental no currículo da educação cristã (na escola (bíblica) dominical, na educação cristã, e nas escolas e institutos de ensino superior da igreja). Ele enfatiza, do modo especial a formação teológica (para ordenação);
- (d) A publicação pelas igrejas e editoras ligadas às igrejas de livros, jornais, e informação prática para cristãos;
- (e) A observação de um domingo do calendário cristão para à crise socioambiental e repostas práticas.²⁸

Cyprian Obiora Alokwu discutiu a relação possível entre a teologia africana e oikoteologia para propor compromissos e ações concretas da igreja e cristãos africanos.

Proposta de Fwangmun Oscar Danladi²⁹

Fwangmun Oscar Danladi realizou seus estudos teológicos em Jos, na Nigéria com uma tese prática sobre *Creation Care* [Cuidado de Criação]. Igual Alokwu, sua produção subsequente tem focado na teologia africana e sustentabilidade socioambiental. Danladi é, também, nigeriano e trabalhou numa organização baseada na fé. Ele elabora sua tese a partir do princípio de que existem

²⁷ ALOKWU, Cyprian. O. *The Anglican Church, Environment and Poverty: constructing a Nigerian Indigenous Oikotheology*. Pietermaritzburg (África do Sul), 2009. 455p. Tese. School of Religion and Theology, University of KwaZulu-Natal.

²⁸ Esta proposta já existe por parte da iniciativa do Patriarca de Constantinopla. Há muitos anos as igrejas observam o Domingo do Cuidado da Criação no domingo mais próximo do 1 de setembro.

²⁹ DANLADI, Fwangmun. O. *Challenging the “traditional” perception of environment and Rethinking our Relationship to our Environment*. Nigéria, 2016. Dissertação. The American Corner at the Old Campus of the University of Jos.

várias propostas ecológicas na teologia ocidental e africana. Sua preocupação principal é como achar uma resposta teológica eficaz para o contexto africano. Igual Alokwu, ele termina sua tese com cinco sugestões práticas e concretas:

- (a) A perspectiva cristã sobre a criação tem que mudar. Não pode ser vista como instrumento de uso dos seres humanos, nem como objeto de glorificação à Deus;
- (b) Evangelismo tem que ser holístico e não se limita à salvação de almas. O meio socioambiental é contemplado pelo evangelho;
- (c) A teologia sistemática tem que ser revisitada particularmente as doutrinas de criação e redenção (evangélica). Especificamente, ele sugere uma ligação entre cristologia e o cosmos.³⁰
- (d) A perspectiva bíblica deveria dialogar com a realidade africana, particularmente sua cosmovisão e histórias indígenas;
- (e) É importante assumir a perspectiva comunal africana para mobilização da comunidade em prol do compromisso com o meio socioambiental;

Alokwu e Danladi têm desenvolvido suas teses nos anos recentes, participando em consultas teológicas e publicando artigos.³¹

Proposta da abordagem indigeno – científica de Samuel A. Nyamekye³²

Samuel Awuah-Nyamekye é professor sênior do Departamento de Religião e Valores Humanos da Universidade de Cape Coast, em Gana. Awuah-Nyamekye é PhD pela Escola de Filosofia, Religião e História da Ciência da Universidade de Leeds, no Reino Unido. Seus interesses atuais de pesquisa estão focados em religião e meio ambiente, ética ambiental, religião e desenvolvimento, religião e política e mulheres e religião. Na sua tese de Doutorado intitulado *Managing the Environmental Crisis in Ghana: The role of African Traditional Religion and Culture—A case study of Berekum Traditional Area*, aponta que é fundamental uma sinergia entre abordagem indigena e científica para fazer face a crise ambiental. Embora reconhecer as dificuldades existentes na implementação, Awuah-Nyamekye sublinha em seis principais propostas resultantes da sua pesquisa junto aos indígenas, como sendo aspectos que devem ser inclusos na abordagem indigeno – científica, nomeadamente:

- (a) Que os fazedores de políticas facilitem e se envolvam ativamente em um diálogo no qual os povos indígenas, e particularmente os especialistas em conhecimento ecológico indígena, são convidados a contribuir para as discussões para a formulação de políticas de conservação ambiental no país.
- (b) Que o governo apoie às autoridades tradicionais por meio de legislação que as ajude a fazer cumprir as leis ecológicas tradicionais, como a proibição de entrar em bosques sagrados, caça indiscriminada, pesca e outras restrições.

³⁰ Esta proposta já foi lançada e discutido por Leonardo Boff em BOFF, Leonardo. *O Evangelho do Cristo Cósmico*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

³¹ ALOKWU, Cypran. O. Christianity and Environmental Sustainability: a search for inclusive and participatory response. IGWEBUIKE, v.3, n.1, janeiro, 2017, p. 66-81.

³² NYAMEKYE, Samuel. A. Managing the Environmental Crisis in Ghana: The role of African Traditional Religion and Culture—A case study of Berekum Traditional Area. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de Leeds.

- (c) Que haja desenvolvimento de uma colaboração adequada entre as autoridades locais e a Autoridade de Proteção Ambiental [Environmental Protection Authority (EPA)]. Isso pode ocorrer na forma de esforços conjuntos das autoridades tradicionais e das autoridades distritais / municipais / metropolitanas para proteger rios, bosques sagrados e outros recursos naturais.
- (d) Uma colaboração mais estreita entre os Oficiais de Extensão Agrícola e os agricultores sobre os benefícios dos chamados métodos de agricultura “ambientalmente amigáveis”.
- (e) Que as Organizações não-governamentais (ONGs), tanto seculares quanto religiosas, sejam incentivadas a se unirem às autoridades locais na busca de salvar a natureza.
- (f) Que os fazedores de políticas adotem medidas para incluir o conhecimento indígena (particularmente o conhecimento ecológico indígena) no currículo escolar de todos os níveis de ensino, para que o conhecimento indígena possa ser entendido e aceito no país como um recurso complementar para o desenvolvimento nacional.

Estas propostas podem ser melhoradas e aprimoradas convista a ultrapassar as dificuldades na sua implementação. O ponto fundamental a enfatizar é a valorização do conhecimento local como contributo na busca de soluções sustentáveis face a crise socioambiental. Este fenômeno é global, mas no ponto de vista prático, as propostas sugerem que as soluções sejam locais e contextuais. O envolvimento de todos na busca de soluções sustentáveis deve ser tomado em consideração uma vez que, mesmo que as soluções sejam locais e contextuais, espera-se que o impacto seja global. Nesta perspectiva, abre-se espaço de diálogo permanente entre a ciência e as práticas culturais africanas. E no entrelaçamento das explicações científicas e práticas culturais, pode-se vislumbrar um ethos ecológico sustentável que possa garantir uma projeção de um legado promissor para estas e futuras gerações.

Conclusão

Em novembro de 2019, organizou-se três consultas teológicas no continente africano sob o título, ‘Teologia, Economia e Ecologia’. Este artigo é fruto preliminar das discussões entre teólogos(as) africanos(as) e lideranças das igrejas africanas. Dividimos a reflexão em quatro partes. As primeiras duas partes introduzem o público brasileiro ao contexto africano diante da crise socioambiental, e o contexto influente da teologia africana. As duas últimas partes oferecem informações básicas das consultas (escopo e participação) e começa formular propostas teológicas africanas à crise econômica e ecológica. Especificamente, o artigo oferece ao público brasileiro as propostas de Rogate R Mshana, Teddy Ch. Sakupapa, Cyprina Obiora Alokwu, Fwangmun Oscar Danladi e Samuel A. Nyamekye.

As propostas teológicas africanas dialogam com o contexto africano – com as políticas públicas da ONU e a União Africana – e com a teologia africana – a busca para uma teologia cristã africana reconhecendo os valores inerentes às religiões tradicionais; abordando a Bíblia de forma crítica em diálogo com realidades africanas; e considerando experiências de opressão e a luta pela libertação diante da crise econômica e ecológica.

Referências

ABBLE, A. *Des prêtres noirs s'interrogent*. Paris: Les Editions du Cerf, 1957.

ALOKWU, Cyprian. O. Christianity and Environmental Sustainability: a search for inclusive and participatory response. IGWEBUIKE, v.3, n.1, janeiro, 2017, pp. 66-81.

ALOKWU, Cyprian. O. The Anglican Church, Environment and Poverty: constructing a Nigerian Indigenous Oikothology. Pietermaritzburg (África do Sul), 2009. 455p. Tese. School of Religion and Theology, University of KwaZulu-Natal.

BAUR, John. *2000 Ans de Cristianisme en Afrique: une histoire de l'église africaine*. Kinshasa: Paulines, 2001.

BEDIAKO, Kwame. *Theology and Identity: the impact of culture upon Christian Thought in the second century and modern Africa*. Oxford: Regnum Books, 1992.

BOFF, Leonardo. *O Evangelho do Cristo Cósmico*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

BUJO, B.; MUYA, J. I. *Teologia Africana no Século XXI*. V. II. São Paulo: Paulinas, 2012.

CONRADIE, Ernst.M. "The Church and the Environment: Seven stations toward the sanctification of the whole Earth" In: Scriptura 107, 2011, pp. 156 – 170.

DANLADI, Fwangmun. O. Challenging the "traditional" perception of environment and Rethinking our Relationship to our Environment. Nigéria, 2016. Dissertação. The American Corner at the Old Campus of the University of Jos.

GIBELLINI, Rosini. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

IKUENOBE, P. A. "Traditional African Environmental Ethics and Colonial Legacy" In: International Journal of Philosophy and Theology, Vol. 2, No. 4, 2014, pp. 1-21.

MELLO E SOUSA, Marina de. *Além do Invisível: Poder, Cristianismo e Comércio no Congo e em Angola (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 2015

MILBANK, John. *Theology and Social Theory*. Londres: Wiley-Blackwell, 1993.

MSHANA, Rogate. R. *Economy of Life: linking poverty, wealth and ecology*. Genebra: WCC Publications, 2015.

MWAMBAZAMBI, K. "A theological view of environmental protection in Africa" In: In die Skriflig 45(4), 2011, pp. 849-866.

NYAMEKYE, Samuel. A. Managing the Environmental Crisis in Ghana: The role of African Traditional Religion and Culture—A case study of Berekum Traditional Area. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de Leeds.

SAKUPAPA, T. CH. "Spirit and Ecology in the Context of African Theology" In: Scriptura 111 (3), 2012, pp. 422 – 430.

TEMPELS, Placide. *La Philosophie Bantoue*. Elisabethville: Lovania, 1949.